ENTREVISTA: GIAN DANTON
WWW.SCARIUM.COM.BR
ANO II Nº 8
Scarium
MegaZine
FICÇÃO CIENTÍFICA, TERROR, FANTASIA E MISTÉRIO
Jeronymo Monteiro:
O Pai da Ficção Científica Brasileira
Cláudio Suenaga

Dezembro 2003

www.scarium.com.br
Ano II Nº 8

Editor:
Marco A. M. Bourguignon
editor@scarium.com.br

Co-Editor:
RogérioA. de Vasconcellos
co-editor@scarium.com.br

Jornalista Responsável:
Lara Chateaubriand
MTB: 18.232

Colaboradores desta edição:

Alex Lemos
Arístocles Coutinho
Cláudio Suenaga
Cesar Silva
Greifo
Karen Tei Yamashita
M. R. Callegaro
Marco A. M. Bourugignon
Rogério P. Vieira
Rogério A. de Vasconcellos
Rodrigo Stulzer
Silvio Ribeiro

Endereço para correspondência:
Rua Castorino Francisco Nunes, 88 13/204 - Ilha do Governador
Cep. 21.921-544
Rio de Janeiro - RJ
Tel. 2467-2805

Assinaturas:
www.scarium.com.br
atendimento@scarium.com.br

Scarium
MegaZine
Ficção Fantástica

Ufa! Que bom entregarmos a edição 8 para vocês! Confessamos o quanto é trabalhoso montar cada edição. Todas elas são feitas com muito carinho, com erros e acertos. Acertos e muitos erros! Aprendemos com eles, ou pelo menos tentamos.

Estamos reinaugurando a sessão de cartas para servir de canal de comunicação entre os leitores, os autores e os editores. Ela tinha sido suspensa devido às baixas manifestações. Então, mande os seus e-mails e cartas com sugestões, elogios e reclamações. Este contato é muito importante.

Neste número tentamos resgatar um pouco da história da ficção científica, com um artigo sobre "**Jeronymo Monteiro**", de Cláudio Suenaga. É importante contarmos um pouco da memória e mostrarmos que no Brasil já existe uma tradição no gênero de longa data. Aproveitamos este momento em que muito se tem discutido sobre o futuro da literatura de ficção científica para recortar um pouco do passado.

Temos também uma entrevista com o escritor e roteirista Gian Danton, que abriu suas portas para nos contar um pouco da sua vida profissional. Na coluna "Banda Desenhada", Cesar Silva nos escreve sobre os "**Mangás de FC nas Bancas**". O mini-conto: "**Paladino das Estrelas**", de Arístocles Coutinho. Os contos: "**Pedra da Lua**" de Rodrigo Stulzer; "**A Última Secretária**", da escritora estadunidense Karen Tei Yamashita, em uma excelente tradução de Alex Lemos; "**A Clonagem de Joseph K.**", de M. R. Callegaro, ganhador do prêmio de menção honrosa no 1° Concurso da Scarium e "**Mais Um Dia de Trabalho**", um conto erótico de Rogério Vieira. A história em quadrinhos desta edição, "**Sem Remorsos**", fica por conta da dupla Greifo e Ronnie. Por último, destacamos o 2° Concurso de Contos e Ilustrações Fantásticos da Scarium Megazine

Marco A. M. Bourguignon
editor

Silvio Ribeiro

É o autor da capa desta edição. Engenheiro eletrônico, mas gosta de trabalhar como ilustrador e editor de arte em jornais e revistas, publicou o zine "ManyComics" junto com Élbio Porcellis.

JERONYMO BARBOSA MONTEIRO

O PAI DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

Cláudio Tsuyoshi Suenaga

Os limites impostos desde cedo a esse filho de imigrantes portugueses nascido em 11 de dezembro de 1908 na rua do Hipódromo, no bairro do Brás, zona leste de São Paulo, onde passou a infância e a juventude, em nada indicavam que um dia escreveria o futuro.

Aos 7 anos de idade, quando cursava o 2º ano primário, seu pai — um sujeito rude e analfabeto para quem o valor de um homem não se media pelos estudos e sim pelo dinheiro que levava para casa — tirou-o da "Escola Normal Padre Anchieta" e colocou-o para trabalhar na Casa de Calçados Clark; primeiro como entregador de colchões e de malas, depois como aprendiz de sapateiro.

Os rudimentos das letras bastaram no entanto para despertar no menino um interesse profundo pelos livros. Os poucos que conseguia, quase sempre emprestados, raramente comprados, era obrigado a esconder. Certa vez, o pai descobriu o "tesouro" e implacavelmente tacou fogo em tudo.

Tangenciando a realidade, Jeronymo encontraria no "seu" Elias, dono de um armazém de secos e molhados na rua do Hipódromo, o seu protetor e padrinho literário. Esse simples vendeiro era quem o abastecia de tão preciosos quanto necessários — e proibidos — alimentos para o intelecto e para a alma.

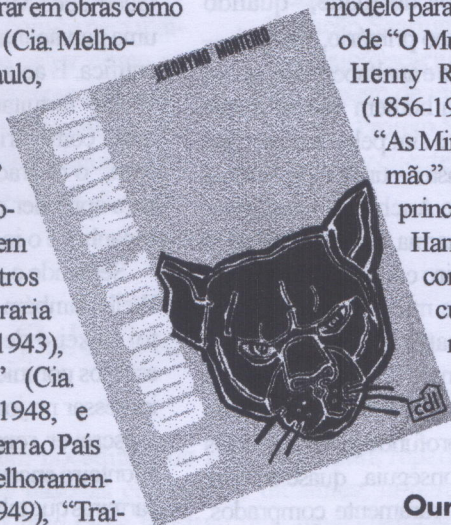
Dos autores, a maior influência viria do romancista, historiador e sociólogo inglês Herbert George Wells (1866-1946). A leitura da invasão de marcianos à Terra em uma edição de 1903 de "The War of the Worlds" ("A Guerra dos Mundos"), infundiria-lhe uma paixão inamovível pela ficção científica. E ao adquirir outras obras de Wells, fortuitamente em outros idiomas, começaria a exercitar um outro dom, o de tradutor, não demorando para aprender o francês, o italiano, o espanhol e o inglês.

Seguindo o exemplo e os passos de Wells, também de origem modesta — foi caixeiro de uma loja e fez alguns estudos por iniciativa própria antes de ingressar no jornalismo e daí a passar a escrever romances científicos —, Monteiro encaminhou-se para as duas carreiras que talvez mais sacrifícios exigem, mas que mais o atraíam: as de escritor e de jornalista.

Nos anos de 1930, despontaria no veículo de maior alcance e expressão da época radiofonizando suas novelas que transportavam os atônitos ouvintes ao Planeta Marte em aventuras à moda de Flash Gordon. Em 1937, a pedido do patrocinador Café Jardim, faria uma série com o detetive Dick Peter — apresentado em 1933 no ro-

mance policial pioneiro "O Colecionador de Mãos" —, detonando um sucesso que duraria 3 anos, mais tarde reunidos nos dez volumes da coleção "Aventuras de Dick Peter" (O Livreiro, sem data, e Livraria Martins Editora, 1950). O êxito como radialista o levaria a diretor de programação da Rádio Excelsior e a produtor de programas da Rádio Cosmo e da Rádio América.

Enveredou inicialmente pelo campo infanto-juvenil, esse rico filão que soube tão bem explorar em obras como "No País das Fadas" (Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1930), "O Irmão do Diabo — Narrativa de Walter Baron" (Cia. Editora Nacional, 1937), "O Homem da Perna Só" e outros (séries para a Livraria Anchieta Editora, 1943), "A Cidade Perdida" (Cia. Editora Nacional, 1948, e Ibrasa, 1969), "Viagem ao País do Sonho" (Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1949), "Traição e Castigo do Gato Espichado" (Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1949), "Bumba, o Boneco que Quis Virar Gente" (Editora do Brasil, 1955), "Corumi, o Menino Selvagem" (Brasiliense, 1956, e Editora Santuário, 1992), "O Palácio Subterrâneo das Antilhas", "A Ilha do Mistério" e "Os Nazis na Ilha do Mistério" (as três pela Livraria Anchieta Editora).

Cabe abrir um parêntese ao legendário "A Cidade Perdida", misto de ficção com relato de viagem ao Alto Xingu, onde se impressionou com pinturas rupestres pouco estudadas. Especulando sobre uma eventual civilização antiga na região, Monteiro retoma o tema e a linha de "O Irmão do Diabo", escrito em 1932 e relançado em 1973 pelo Clube do Livro com o título de "O Ouro de Manoa", claramente inspirado nos ingleses Arthur Conan Doyle (1859- 1930) — não o de Sherlock Holmes, que serviria de modelo para Dick Peter, mas o de "O Mundo Perdido" -, Henry Rider Haggard (1856-1925) — auto de "As Minas do Rei Salomão" e "Ela" — e principalmente Percy Harrison Fawcett, o coronel aventureiro cujo desaparecimento nas selvas do Mato Grosso em 1925 quando procurava por uma cidade perdida — a própria Atlântida, Eldorado, Paitití ou Sincorá (do manuscrito 512) —, estimulava — como ainda estimula — fortemente o imaginário, ensejando o surgimento das mais disparatadas versões.

Ouro de Manoa
Capa da Edição de 1973
Clube do Livro

Curiosamente, apesar de recheado de grandes doses de inventividade e fantasia, "A Cidade Perdida" acabou sendo tomado como uma contribuição legitima à arqueologia e chegou até a servir de referência para muitos pesquisadores. Renato Castelo Branco, por exemplo, cita-o na bibliografia de seu "Pré-história Brasileira: Fatos e Lendas" (São Paulo, Quatro Artes Editora, 1971), dedicado à memória de Jeronymo Monteiro. O jornalista e escritor Pablo Villarrubia Mauso o tem como um dos que o direcionaram à arqueologia, tanto que no início de seu "Brasil Insólito: Guia para El Viajero del Misterio" (Madrid, Ediciones Corona Borealis, 1999), cita a seguinte passagem do livro: "Nós, os atlantes, fundaremos a futura civilização, a civilização definitiva, onde se aproveitarão rodas as lições das grandes civilizações do passado".

Monteiro viria a produzir a maior parte de suas obras de ficção científica no período final de sua vida

A ficção científica no Brasil contou com inúmeros antecessores de peso que ajudaram a fundar as bases para a edificação do gênero tupiniquim.

Já em 1868, Joaquim Felício dos Santos (1828-1895) publicava o folhetim "Páginas da História do Brasil, Escritas no Ano 2000", uma sátira à monarquia que incluir detalhes antecipatórios da tecnologia em curso, tais como a "telegrafia elétrica", os "paquetes aerostáticos", uma "estrada-de-ferro submarina" entre a França e a Inglaterra e a exploração dos pólos.

Grandes nomes de nossa literatura incursionaram pelo gênero, ainda que de forma esporádica e como exercício diletante, sem compromisso firmado com um estilo ou movimento definido, entre eles Machado de Assis (1839-1908), Rodolfo Teophilo (1853-1932), Emilia Freiras (1855-1908), Aloísio de Azevedo (1857-1913), Coelho Netto (1864-1934), Humberto de Campos (1886-1934) e Godofredo Emerson Barnsley (1874-?). Os destaques ficam para Albino José Ferreira Coutinho (1860-1940), autor de "A Liga dos Planetas" (1923), o primeiro romance brasileiro onde aparecem viagens espaciais; Gastão Cruls (1888-1959), autor de "A Amazônia Misteriosa" (1925), sobre um grupo de exploradores que descobre uma tribo de mulheres guerreiras, descendentes dos incas, e um cientista alemão que usa os índios como cobaias de suas experiências genéticas; e Monteiro Lobato (1882-1948), autor de "O Choque das Raças" (1926), intitulado depois como "O Presidente Negro", em que um cientista constrói um instrumento para observar o futuro.

Da mais alta relevância para a antecipação nacional Menotti Del Picchia

(1892-1988), autor de "A República 3000" (1930), reintitulada depois como "A Filha do Inca" para que o público não o tomasse como uma obra política. O romance fantástico versa sobre uma expedição que partindo do Rio de Janeiro para desbravar os sertões goianos, é dizimada por febres, feras e índios, só restando um erudito capitão e um cabo simplório, os quais esbarram numa imensa barreira energética de ossos de animais e de seres humanos de todos os tempos, uma espécie de campo de força que carboniza os que tentam transpô-la. Por uma defasagem ocorrida na barreira, a dupla ultrapassa-a e é aprisionada por homúnculos robotóides de um só olho, com dois dedos nos tentáculos, habitantes de uma cidade metálica, a República 3000. Esses indivíduos "puramente lógicos", descendentes dos cretenses e dos incas de Manco Capac, sacrificarão dois filhos dos incas ali prisioneiros: uma linda jovem e seu irmão. Porém, o milagre da ciência há muito esperado afinal ocorre, isto é, o domínio da antigravidade e do uso da energia cósmica. Imediatamente os homúnculos que andejavam pelos ares com hélices nas costas voam para os astros, sem artefatos espaciais, eles próprios as naves.

Guerra na Galáxia, 1961
Livro traduzido por Jeronymo Monteiro

Nos anos próximos posteriores à crise de 1929 e anteriores à eclosão da Segunda Guerra Mundial, as obras continuariam a proliferar de modo casual. "A Mulher do Diabo" (1931) e "Século XXI" (1934) fecham a trilogia de Berilo Neves (1901-1974) iniciada com "A Costela de Adão" (1929). Em suas histórias ambientadas nos anos 1980, 2000 e 5432 e no século XXXV, engenhocas futuristas aparecem em abundância. Em 1934, Epaminondas Martins contaria uma aventura passada em Netuno no seu "O Outro Mundo". "Zanzalá" (1936), de Afonso Schmidt, é uma novela que se desenrola no ano 2028 num vale do interior de São Paulo. Em 1939, seria a vez de Érico Veríssimo (1905-1975) sair com o seu "Viagem à Aurora do Mundo".

Mas é na década de 1940 que surgiria o primeiro escritor brasileiro de

ficção científica de fato, aquele que delimitaria a área e estabeleceria características literárias bem definidas. De acordo com Bráulio Tavares, "foi com Jeronymo Monteiro que começou a existir no Brasil uma ficção científica nos moldes dos EUA. (...) Com ele, a FC brasileira desligou-se do mainstream, ou literatura propriamente dita, e passou a existir como universo literário à parte, obedecendo a regras próprias e dialogando com um público especializado". Para Léo Godoy Otero, "Jeronymo Monteiro, exemplo de honestidade e sinceridade artísticas, é o Hugo Gernsback da antecipação brasileira. (...) Na sua arraigada crença na ciência — deslumbrado ante as conquistas da tecnologia — (...) vislumbrava a potencialidade do desenvolvimento do homem, num sentido dialético, desvendando um futuro esplendoroso, através da literatura, apto a acolher quaisquer povos da Terra e do Céu. Rastreando os caminhos da História, na sua inabalável fé na evolução, desassombradamente, lustres e lustres prosseguiu perseverante estilhaçando o empedernido monólito do complexo de inferioridade sul-americano, derreando o provincianismo, a ideologia preconcebida. Semeou para duas gerações subseqüentes de escritores, eventos, quais sejam: antibióticos, televisão, energia termonuclear, satélites artificiais e a expansão nacional".

Em 1961, lança "Fuga para Parte Alguma"(GDR), em que formigas se multiplicam de forma incontrolável...

Em 1947, apenas 2 anos após o término da Segunda Guerra Mundial e não por acaso no mesmo ano em que teve início a chamada "Era Moderna dos Discos Voadores" com o avistamento do piloto civil norte-americano Kenneth Arnold no dia 24 de junho, Monteiro lançaria "Três Meses no Século 81" (Livraria do Globo Editora), no qual uma junta de médiuns torna possível a um jornalista empreender uma viagem psíquica ao futuro usando o corpo de um defunto. Lá, assiste à invasão e colonização de Marte e descobre que o governo extirpa dos bebês a glândula responsável pelo amor. Revoltado, tem apenas 3 meses para tentar mudar as coisas.

Monteiro viria a produzir a maior parte de suas obras de ficção científica no período final de sua vida, quando, por motivos de saúde e para fugir dos males que assolavam o mundo, refugiou-se na então praticamente deserta Mongaguá, litoral sul paulista, numa casa que construiu encravada entre o mar e a montanha.

Em 1961, lança "Fuga para Parte Alguma" (GRD), em que formigas se multiplicam de forma incontrolável por conseqüência de experimentos militares, avançando sobre cidades e matando pessoas, idéia

usada mais tarde em diversos filmes B. Aqui, o final não será feliz.

"Os Visitantes do Espaço" (Edart), de 1963, está para a ufologia tanto quanto "A Cidade Perdida" está para a arqueologia. Discos voadores prateados (por fora) e transparentes (por dentro) vindos de Io, o segundo satélite de Júpiter, pousam em Goiás, na fronteira de Mato Grosso. Deles desembarcam repugnantes animais reluzentes em forma de rabanetes repletos de tentáculos, sem olhos, sem boca e sem nariz, que visam somente retirar de nossa atmosfera um pouco de hidrogênio, elemento necessário à sua sobrevivência. Os terráqueos se sentem ultrajados por não terem sido consultados, e em nome de seu velho orgulho e egoísmo, recusam-se a ceder o mínimo que seja, desencadeando uma batalha interplanetária da qual saem fragorosamente derrotados. A Terra, de início, é afetada pela perda de parte do hidrogênio, porém paulatinamente vai voltando ao normal conforme haviam prometido os visitantes que vão se retirando após cumprirem a missão e aplicarem no homem uma grande lição de solidariedade universal.

A certa altura, ao ser interpelado, o iona responde que além de Io, Ganimedes e Calixto também eram habitados e juntos formavam uma comunidade que vivia em grande harmonia e prosperidade. Europa teria sido habitado até há 5.000 anos atrás, perecendo pela perda total do hidrogênio. Já Marte apresentava condições de manter vida humana, embora seus últimos habitantes tivessem se extinguido há milhões de anos deixando apenas vestígios. Confirmando o acerto das previsões de Monteiro em apontar as luas de Júpiter como os locais mais prováveis da existência de vida no sistema solar, em 1997 a sonda espacial Galileu, lançada pela NASA em 1989, detectou nas duas maiores luas, Ganimedes e Calixto, material orgânico composto por carbono, o mesmo de que é baseado a vida na Terra. Em 1999, a Galileu enviou dados indicando a presença de atmosfera e de oceanos sob dezenas de quilômetros de gelo em Calixto, Ganimedes e Europa. Io é o satélite recordista em atividade vulcânica e onde neva dióxido de enxofre, dissipado na atmosfera sob a forma de gás. Os quatro grandes satélites de Júpiter, Ganimedes, Calixto, Io e Europa, constituiriam um verdadeiro,"sistema solar" em miniatura.

Monteiro acerta em apontar as luas de Júpiter como locais mais prováveis da existência de vida no Sistema Solar

De cunho mais teratológico e nos moldes da literatura gótica de horror é "O Elo Perdido", de 1965, sobre um

fenômeno de mutação de um bebê monstro animalizado e grotesco, com cauda e fisionomia semelhante a do pitecantropo.

A última obra seria uma reunião de contos de ficção científica publicada e 1969 sob o sugestivo título de "Tangentes da Realidade" (4 Artes).

Além de escrever os seus livros, Monteiro promovia o gênero apoiando outros escritores em sua coluna dominical "Admirável Mundo Novo", no jornal "A Tribuna", de Santos, e em 1964 criou a primeira associação de FC do país, que reunia nomes como André Carneiro, Rubens Teixeira Scavone, Clóvis Gareia, Vladir Nader e Antonio Olinto. Na editora Globo, dirigiu a revista "Magazine de Ficção Científica iniciada em 1970, trazendo histórias primeiro publicadas em "The Magazine of Fantasy & Science Fiction" e um conto nacional por número, em contraste e dando um passo adiante a títulos como "Galáxia 2000" e "Cine-Lar Fantastic", que apenas traduziam contos. Muitos nomes da geração GRD (o editor Gumercindo Rocha Dória) apareceram ao lado de alguns novatos. A revista chegou ao seu vigésimo número em novembro de 1971, quando cessou as atividades por falta de resposta comercial e pela morte de Monteiro.

Até o fim de sua vida, portanto, sempre procurou, mais do que simplesmente divulgar, "profissionalizar" a ficção científica, e fez isso em rodas as oportunidades que se abriam e que conquistava pelo prestígio alcançado com o brilhante exercício da carreira jornalística — teve contos (muitos deles de FC) publicados nas revistas "O Cruzeiro", "Fon-fon", "A Cigarra", "Eu Sei Tudo", "Lady", "Globo" e "Vida Doméstica", foi diretor da "Gazeta Juvenil" e das revistas infantis Disney, da Editora Abril, foi repórter da Assembléia Legislativa, trabalhou para os "Diários", fez parte do jornal "Última Hora" e a partir de 1957 passou a assinar na "Folha de S. Paulo" (onde ingressou em 1944) a coluna de variedades "Panorama", no caderno Ilustrada, continuada após sua morte por sua filha Therezinha Monteiro Deutsch.

Entre 1961 e 1969 morou em Mongaguá, local que traria as maiores alegrias e tristezas de sua vida. Em meados de 1969 ficou morando em São Paulo e em Mongaguá, de maneira alternada. Em 6 de março de 1970 adoeceu, passando daí por diante os dias de cama, em casa ou em hospitais. Faleceu em 1º de junho, vítima de um aneurisma na aorta.

• • • • • • • • • • •

Cláudio Tsuyoshi Suenaga - Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

~ooOoo~

ENTREVISTA A CLÁUDIO FUENTES MOREIRA "JERONYMO MONTEIRO VIVEU EM MONGAGUÁ O MELHOR E O PIOR PERÍODO DE SUA VIDA"

Cláudio Tsuyoshi Suenag

Na década de 193O, Jeronymo Monteiro contraiu tuberculose intestinal e o médico prognosticou-lhe apenas 6 meses de vida. Ante a iminência do fim inevitável, resolveu desfrutar os dias que lhe restavam na praticamente deserta Mongaguá (na época Praia Grande) fazendo uma das coisas que mais adorava: coletar e cultivar orquídeas. Adentrava no mato por aproximadamente uma semana levando um estoque considerável de sanduíches de pão com mortadela que devorava em substituição às refeições.

E assim, entre orquídeas e sanduíches de mortadela, decorreram os 6 meses fatídicos sem nenhuma indicação de que a morte tão logo o ceifaria. De volta a São Paulo, submeteu-se a novos exames que deixaram o médico embasbacado: estava completamente curado.

Esses e outros aspectos pouco conhecidos da biografia do pai da ficção científica brasileira nos foram revelados por seu enteado Cláudio Fuentes Moreira — filho do casamento anterior de Carmen Fuentes — em entrevista exclusiva concedida enquanto vistoriava as reformas na histórica casa de nº 283, próxima do centro de Mongaguá, na antiga rua Lunamar, rebatizada com o nome de Jeronymo (na placa consta erroneamente grafado como Jerônimo Barbosa Monteiro, em homenagem mais do que justa.

A verdade é que a cidade, pouco afeita à preservação de seu passado — desconhecendo até que possui um ou agindo insidiosamente para apagá-lo, por razões de ordem política —, jamais contou com um morador tão genial quanto ilustre, mas, apesar disso praticamente nada faz para reverenciá-lo, desdenhando de sua importância. O que soa como um tremendo desperdício considerando que nenhum nome célebre está associado a Mongaguá; ao contrário da vizinha Itanhaém, por exemplo, associada a nomes como a do pintor Benedicto Calixto (1853-1927). Em um atentado contra a memória, na rua não há nenhuma placa a indicar ter sido aquela a casa do escritor, e a Biblioteca Municipal, que também leva o seu nome, por incrível que pareça não dispõe de nenhum exemplar de seus livros.

Foi com incontida emoção que pude contemplar a fachada externa da casa e percorrer os seus velhos cômodos, ao mesmo tempo em que Cláudio Fuentes ia relembrando os tantos fatos ali vividos entre 1961 e 1969. Demorei-me mais na sala — recortada por uma ampla janela que se abre diretamente para a parte frontal — que servia de escritório-biblioteca para

Monteiro e fiquei a imaginá-lo sentado diante de sua inseparável máquina de escrever teclando feericamente mais uma de suas clássicas histórias de ficção científica sendo observado pela igualmente inseparável companheira Carmen Fuentes. Que atividade criadora, que energia mental, que relevo humano o desse obreiro de um porvir que nem a realidade de hoje consegue alcançar!

Cláudio Fuentes, aliás, passaria perfeitamente por um dos personagens de Monteiro: engenheiro químico, trabalhou no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) de São Paulo, atuou como garoto-propaganda em um comercial televisivo de uma famosa marca de sabão em pó e até examinou o projeto de um autêntico disco voador.

Suenaga - A que se atribui o autodidatismo de Monteiro?

Moreira - Quando ele tinha 7 anos de idade, o pai mandou que escrevesse o nome em um pedaço de papel, conferiu e disse: "Como você já sabe escrever o nome, não precisa mais ir à escola". E o tirou de lá. Mas havia um turco, dono de um armazém de secos e molhados, que se afeiçoou por ele ao perceber sua propensão para a literatura. Esse turco era quem lhe emprestava livros junto com umas velas porque o pai não permitia que acendesse as luzes à noite para ler. Então ele fazia uma cabana com o cobertor e ficava lá dentro lendo com a vela acesa. Foi assim que ele começou a ler os primeiros livros e desde então não parou mais, apesar de ter estudado só até o 2º ano, primário.

Suenaga - O livro era um artigo proibido na casa?

Moreira - Porque era considerado uma perda de tempo. E aí um dia ele descobre um autor chamado H. G. Wells que faz com que ele passasse a ler cada vez mais. E um fato curioso acontece. Ao ver um livro de Wells na vitrine de uma livraria, ele o adquire sem nem sequer conferir o título, e só quando chega em casa é que percebe que se tratava de uma edição francesa. Em vez de trocá-lo ou deixá-lo de lado no entanto, ele adquire um dicionário de francês e em pouco tempo aprende a traduzir o idioma. Não demora muito e ele já partia para o italiano, o espanhol e o inglês. Ou seja, por causa de Wells, ele acabou aprendendo quatro idiomas. A editora Ibrasa o considerava o melhor tradutor que havia na equipe.

Suenaga - O Arthur Conan Doyle também não foi um dos que o influenciaram?

Moreira - Bastante, era um dos seus escritores prediletos. Tanto que ele me deu duas coleções completas do Doyle, uma de série fantástica e outra histórica.

Suenaga - No início de sua carreira e em grande parte dela, Monteiro dedicou-se bastante à área infantil.

Moreira - Um outro fato muito curioso que pouca gente sabe, é que quando o Victor Civita montou a Editora Abril, chamou o Monteiro para ser o diretor de sua primeira publicação, o

gibi do Pato Donald. Isso porque na época ele era considerado um dos melhores escritores infanto-juvenis e um dos líderes nesse segmento. A televisão brasileira nos seus primórdios, o chamou diversas vezes para ajudar na montagem de programas infantis.

Suenaga - O quanto há de verdade e o quanto há de ficção no livro "A Cidade Perdida", tida por muitos como uma autêntica contribuição ao campo da arqueologia?

Moreira - A "Folha de São Paulo", da qual era jornalista, o mandou para o rio Xingu cobrir a guerra de todos contra todos entre os índios assurinis, caiapós e os seringueiros. Para você ter uma idéia, o lema destes últimos era: índio primeiro a gente mata, depois pergunta. O livro corresponde a realidade do que viu lá até o ponto em que narra o encontro com os atlantes, daí em diante é pura ficção. Ocorreu que um grupo de teósofos leu o livro e refez o trajeto, e como as informações batiam, concluíram que tudo ali era verdadeiro. E por azar o livro descrevia ainda uma música composta por uma seqüência de vogais que era cantada por lá. Esse grupo de teósofos achava que a música vinha da Atlântida e ligaram isso ao fato de terem localizado as mesmas pedras e os mesmos vestígios arqueológicos anotados no livro.

Suenaga - Por que Monteiro escolheu vir pra Mongaguá passar os últimos anos de sua vida?

Moreira - Por causa de uma experiência anterior. Na década de 193O, ele contraiu tuberculose intestinal, para a qual não havia tratamento. Os médicos simplesmente abriram a barriga dele e o faziam tomar sol nessa região. Um deles o certificou de que não viveria mais do que 6 meses. Já que ia morrer mesmo, resolveu fazer uma das coisas de que mais gostava, ou seja, coletar e cultivar orquídeas. E como em Mongaguá havia muitas, resolveu vir pra cá. Ele conheceu a cidade, que na época pertencia à Praia Grande, quando trabalhava na Estrada de Ferro Sorocabana, no posto de chefe ou subchefe da linha Santos-Jundiaí, que era essa linha que passa aqui. Antes de adentrar no mato, ele preparava um estoque de sanduíches de pão com mortadela suficiente para permanecer uma semana colhendo orquídeas. Assim que voltava, descarregava-as na estação de trem, comprava mais pão com mortadela e se enfurnava novamente no mato. Dessa maneira decorreram os 6 meses sem nenhuma indicação de que morreria. Retornou a São Paulo e submeteu-se a novos exames que atestaram a sua completa recuperação. Como isso aconteceu não sei, ainda mais levando-se em conta que só se alimentava praticamente de pão com mortadela. Em 1957 a saúde voltou a ficar seriamente abalada, desta vez por problemas de pressão alta. Sendo aconselhado pelo médico a respirar os ares litorâneos, não teve dúvidas em fixar-se definitivamente aqui em Mongaguá. Comprou este terreno de 1.8OO m² e iniciou a construção do que viria a ser a primeira casa da rua,

então totalmente de areia.

Suenaga - Como era a rotina de trabalho dele aqui?

Moreira - Acordava às 5 horas da manhã e caminhava até a praia para ver o Sol nascer. Começava a trabalhar por volta das 6 horas e às 11 sentava-se no terraço para tomar uma dose de uísque e saborear uns aperitivos. Almoçava ao meio-dia escutando a rádio Eldorado. Ele passava o dia escutando programas de música clássica que sintonizava consultando um mapa com a freqüência das estações. Por volta das 5 ou 6 horas da tarde ele encerrava e sentava-se novamente no terraço para tomar uísque e saborear aperitivos. Ai lá pelas 8 da noite tomava uma sopa e às 9 ia dormir. Essa rotina era quebrada às terças-feiras quando costumava subir para São Paulo onde permanecia até quarta ou quinta-feira entregando as colunas para os jornais e fazendo contatos com amigos e editores. O imóvel que ele usava era o apartamento alugado na Av. Vieira de Carvalho, na Praça da República.

Suenaga - Ele escrevia rápido?

Moreira - Uma característica interessante dele é que escrevia os textos de uma só vez. Ele começava a escrever e terminava, sem interrupções e sem precisar voltar atrás ou reescrever nada.

Suenaga - Sem cometer erros?

Moreira - Logicamente ele cometia erros. Um deles, que ele incorporou para economizar tempo, é que ele não punha acentos. Ele não gostava de acentuar as palavras, encargo que deixava por conta dos revisores.

Suenaga - Foi aqui em Mongaguá que Monteiro escreveu a maior parte de suas obras de ficção científica, como é o caso de "Os Visitantes do Espaço", de 1963.

Moreira - Lembro dele escrevendo esse livro exatamente nesta sala. Já o autógrafo que consta nessa edição que você possui, deve ter sido concedido em São Paulo, por ocasião do lançamento "Tangentes da Realidade" também foi escrito aqui. Nesse livro, aliás, há um conto intitulado "O Copo de Cristal" que foi inteiramente baseado em um episódio extremamente triste e doloroso vivido por ele em Mongaguá, o de sua prisão pelo regime militar. Apontaram-no como comunista e a Polícia o fez passar uma noite na cadeia em Santos. Certamente esse foi um dos momentos mais difíceis da vida dele, foi bastante complicado. O Ziembinski filmou o conto para a Rede Globo de Televisão.

Suenaga - Como o senhor avalia o período que ele viveu aqui?

Moreira - Apesar desse e de outros fatos desagradáveis que o aborreceram e o amarguraram, acho que foi o melhor período da vida dele.

Suenaga - A Biblioteca da cidade foi concebida por ele?

Moreira - Não, ela foi montada em homenagem a ele e levou o seu nome porque ele doou um grande montante de livros. Eu mesmo fiz uma seleção, juntei em um pacote e entreguei. Por isso estranhei quando você me disse que não existe mais

disponível nenhum exemplar de seus livros na Biblioteca.

Suenaga - Ele se interessava por ufologia?

Moreira - Bastante, embora não saísse a campo para pesquisar e se limitasse a acompanhar o assunto através principalmente das cerca de vinte ou trinta revistas estrangeiras que adquiria todo mês. E toda vez que encontrava alguma notícia sobre ufologia, ele a traduzia e divulgava na coluna.

Suenaga - O senhor é engenheiro químico aposentado pelo IPT, onde trabalhou entre 1968 e 1996. Nesse período nunca teve a oportunidade de analisar algum pedaço de disco voador ou coisa parecida?

Moreira - Em 1986 houve um fato que a gente encarou como piada. Entre os concorrentes ao Prêmio de Patentes promovido pelo Governo do Estado, estava o de um projeto de disco voador movido a energia magnética. Segundo pude analisar, aquilo possuía princípios teóricos válidos e uma certa lógica, mas se fosse construído não funcionaria. Não que a geração de um intenso campo elétrico na parte superior do disco e a indução de um campo contrário não fizesse a nave voar. O problema é que o motor capaz de gerar tamanha energia teria de ser tão grande e pesado que ocuparia um espaço maior do que o próprio disco em si. De qualquer maneira, o projeto acabou ganhando a menção honrosa do concurso.

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Cláudio Tsuyoshi Suenaga - Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

~ooOoo~